

# PERSPECTIVA HISTÓRICA DO USO PRONOMINALIZADO DO NOME *HOMEM*

Giselle de Almeida Cortêz (PG – UEM)

**RESUMO.** O trabalho apresenta uma revisão acerca da classe dos pronomes, a fim de fazer uma retomada, pela Gramática Histórica, de fatores que levaram o substantivo *homem* a se pronominalizar como indefinido, valendo-se de textos do português arcaico, mais precisamente do século XV, como a *Orto do Esposo* e a *Demanda do Santo Graal*. O objetivo principal é fazer um levantamento da frequência de uso de *homem* como pronome indefinido, nos dois *corpora* acima mencionados, além de percorrer o estudo da gramaticalização, o qual nos leva a compreender novos fatos inseridos dentro da língua.

**Palavras-chaves:** português arcaico, gramaticalização, pronominalização, *homem*.

**ABSTRACT.** *The research presents a revision concerning the pronouns class, to demonstrate, by Historical Grammar, factors that have taken the noun “homem” to become a indefinite pronoun, using texts of the archaic Portuguese, precise of century XV, who the Orto do Esposo and the Demanda do Santo Graal. The main objective is to do a survey of the frequency of use of “homem” who indefinite pronoun, in the two corpora mentioned up, over and above to travel around the study of the gramaticalization, which take us the to understand new facts inserted inside of the language.*

**Key words:** *Archic,Portuguese, gramaticalization, pronominalization, homem.*

## 1. Introdução

O trabalho visa à compreensão do processo de gramaticalização do substantivo *homem* para pronome indefinido, de acordo com referências do português arcaico. Para tanto, realizamos um levantamento das ocorrências do emprego de *homem* em textos do período arcaico da língua portuguesa.

Por meio desse levantamento, buscamos uma interpretação acerca do surgimento do sintagma nominal *homem* com função pronominal em diversas sincronias do português arcaico.



Essa mudança leva em consideração uma análise mais precisa do uso de tal sintagma pelos falantes da língua e atesta que a nossa gramática é, de fato, emergente; é um constante fazer-se.

Para atestar essa mudança de classe de palavras, atemo-nos a um fator de suma importância: determinar de que forma os gramáticos e lingüistas nos dizem acerca dos pronomes e de sua subdivisão como indefinidos.

De acordo com o Aurélio (1975), o termo pronome veio do latim *pronomem* e significa *palavra que substitui o substantivo, ou que o acompanha para tornar-lhe claro o significado* (Ferreira, 1975: 1145).

Em Bueno (1996) já observamos algumas mudanças acerca do mesmo termo. Bueno nos traz uma acepção mais explicativa do termo, ou seja, define pronome como:

A palavra que substitui o nome ou a ele se refere, definindo-lhe a posse, a posição, a indeterminação e outras relações; - substantivo: o que designa pessoa ou coisa; - adjetivo: o que especifica pessoa ou coisa em várias relações; - oblíquo: forma de pronome pessoal que se emprega como objeto; - pessoal: o que designa as pessoas gramaticais; - relativo: o que se refere a um antecedente; - reflexivo: o que faz refletir a ação verbal sobre o sujeito; - reto: forma de pronome pessoal que se emprega como sujeito (Bueno, 1996: 532-533).

Mattos e Silva (1989), por sua vez, caracteriza os pronomes como determinantes, definindo-os não somente como elementos que substituem um nome, mas como todos os elementos que circundam o núcleo.

Os pronomes indefinidos, por sua vez, referem-se a um grupo de vocábulos que solicita o verbo na terceira pessoa e que se atesta a uma determinação mais vaga em relação aos definidos, identificados como *alguém, outrem, ninguém*, entre outros, de acordo com o levantamento de Said Ali (1971).

Por meio dessas noções, chegaremos ao contexto de nome *homem* pronominalizado, retomando-o na história da língua portuguesa, a fim de buscarmos a compreensão do surgimento do sintagma como pronome, além de sua função básica de nome substantivo.

## 2. A classe dos pronomes

Para uma abordagem a respeito da pronominalização de *homem* no português arcaico, precisamos considerar, em primeiro lugar, a classe de palavras à qual ele pertence: a dos pronomes, e, em seguida, à de pronome indefinidos.



De acordo com estudos de Mattoso Câmara Jr (2005), a classe de palavras seria resumitiva, ou seja, resultaria em um enxugamento da classe de palavra a uma que atenda mais às necessidades dos estudiosos e aprendizes da língua, sem muita heterogeneidade em seus critérios. Para ele, a classificação dos vocábulos formais se atém a três critérios: um relaciona-se ao universo biossocial em que a língua está incorporada – critério semântico; outro se baseia na unidade mórfica da língua – critério morfológico; e um terceiro que se enquadra ao papel que o vocábulo tem diante da sentença – critério funcional. Os dois primeiros estão ligados pela unidade de forma e de sentido, compondo o critério morfossemântico.

Dessa forma, o autor divide os vocábulos formais em *nomes*, *verbos* e *pronomes*. Os nomes se atém às coisas ou seres e podem flexionar em gênero e em número; neles se enquadram os substantivos e os adjetivos. Os verbos, por seu turno, correspondem a processos e flexionam-se em modo, tempo, número e pessoa.

Os pronomes diferem dos nomes, pois “limitam-se a mostrar o ser no espaço” (Câmara Jr, 2006: 78). Além disso, eles situam os elementos do mundo biossocial, os quais se aplicam à expressão lingüística, dentro de um quadro comunicativo, passando a *ser indicados pela posição que ocupam no momento de uma mensagem lingüística* (1985: 89).

Ainda de acordo com o autor, os pronomes *se caracterizam pela noção gramatical de pessoa e em que ela consiste. É uma noção que se expressa pela heteronímia, em vez de flexão, ou seja, pela mudança do vocábulo gramatical* (2006: 117).

Para Ilari e Basso (2006), o pronome é uma das classes mais heterogêneas, ou seja, o pronome faz parte de uma junção de palavras com funções distintas, reunidas por gramáticos que trabalham, na prática, com várias subclasses de pronomes, a fim de amenizar essa junção aglomerada. Dessa forma, temos as seguintes subclasses: pessoais, possessivos, demonstrativos, relativos, indefinidos e interrogativos.

Segundo Lopes (2003), embora saibamos que substantivo e pronome têm semelhanças sintáticas entre si, como núcleo do sujeito, sintagmas preposicionados e complementos, há uma diferença fundamental entre eles: os pronomes não podem ser antecidos por determinantes, principalmente os pessoais, o que é possível com os substantivos, funcionando como núcleos isolados no sintagma nominal (SN).

---

Como subclasse dos pronomes, temos os indefinidos, foco de nossa análise. Segundo Said Ali (1971), os indefinidos representam um grupo de vocábulos que pede o verbo na terceira pessoa e indica um ente vagamente ou um ente qualquer.

Dentre os indefinidos, temos os indefinidos substantivos invariáveis, que correspondem a *alguém, outrem, ninguém, nada, tudo, algo* etc. Os indefinidos adjetivos variáveis, exceto *cada*, são: *nenhum, outro, um, certo, qualquer* e *algum*. Para as quantidades indeterminadas, todos são variáveis, exceto *mais* e *menos*: *muito, pouco, todo, algum, tanto, quanto, vários* e *diverso*. Com sentido distributivo, temos os indefinidos *quem... quem, qual... qual, este... este, um... outro*.

Para Bechara (2004), os indefinidos aplicam-se à terceira pessoa quando estabelecem um sentido vago ou expressam quantidade indeterminada. A locução pronominal indefinida, por seu turno, enquadra-se em um grupo de palavras que equivale a um pronome indefinido, por exemplo, *cada um, qualquer um, alguma coisa, cada qual, quem quer, o que quer que, seja quem for*, entre outras.

### 3. Pressupostos acerca do emprego do nome *homem* como pronome indefinido

Estudar o processo de mudança do substantivo *homem* a pronome é considerar seu percurso histórico dentro da língua. Esse percurso, por sua vez, considera o processo sincrônico (estado de um fenômeno lingüístico, social, cultural etc. em determinado período da história) e o processo diacrônico (evolução no tempo).

Para averiguar melhor os processos mencionados, atemo-nos ao estudo da gramaticalização, o qual abarca um processo que nos permite inserir novos conceitos sobre palavras que até então não estavam inseridas dentro do léxico da Gramática Normativa, porém já expressam uma funcionalidade relevante pelos falantes. A gramaticalização leva em conta não só a funcionalidade da língua, mas também a forma de comunicação dos falantes, constituindo um processo de regularização do uso de termos novos e mostrando, acima de tudo, que a língua não é estática, ao contrário, ela está em constantes mudanças.

Segundo Martelotta *et al.*, *a gramaticalização é interpretada como um processo diacrônico e um contínuo sincrônico que atingem tanto as formas que vão do léxico para a gramática como as formas que mudam no interior da gramática* (2003: 53).

---

A gramaticalização é motivada pelo uso constante de termos em situações reais de comunicação. Esse uso, por sua vez, faz que o elemento lingüístico sofra transformações para a regularização do uso da língua, apresentando unidirecionalidade, ou seja, caminha do discurso para a gramática: discurso > sintaxe > morfologia > morfofonologia > zero. Para isso, consideramos também a hipótese de que, para a existência da unidirecionalidade, há fatores de cunho cognitivo, sociocultural e comunicativo que interferem na mudança do elemento lingüístico<sup>1</sup>, além de que:

Alguns itens lexicais passam a ser utilizados em contexto nos quais desempenham certa função, ainda não totalmente fixada. Progressivamente, via repetição, seu uso torna-se mais previsível e regular resultando numa nova construção sintática com características morfológicas especiais, podendo, posteriormente, desenvolver-se para uma forma ainda mais dependente, como um clítico ou afixo, com eventuais adaptações fonológicas. (Martelotta *et al.*, 2003: 54).

Ainda para Martelotta *et al.* (2003), a motivação da gramaticalização compreende a necessidade constante de criar rótulos novos para expressar as idéias em situações novas de comunicação.

Para analisar o processo de gramaticalização do sintagma nominal *homem* para pronome indefinido, determinando a variação nos séculos XIII e XVI, alçaremos alguns dados do português arcaico, período em que o uso de *homem* como indefinido foi, durante um certo período, constante. De acordo com levantamentos de dados, o uso de *homem* como indeterminado estava presente no baixo latim ou latim vulgar: o emprego se deu espontaneamente ou inconscientemente, dentro de um ambiente comum aos falantes, diferenciando-se do latim literário e do latim eclesiástico, cujo conhecimento estava restrito a camadas privilegiadas da sociedade ou a membros pertencentes ao clero.

Algumas pronúncias locais derivadas do latim vulgar ganharam realce e se transformaram nas línguas românicas, como o romeno, o italiano, o sardo, o reto-românico, o occitano, o francês, o catalão, o espanhol, o galego e o português. Dessa forma, temos as seguintes variantes para o sintagma nominal *homem*: *hombre/ome* (espanhol); *uomo* (italiano); *homem/ome* (português); *omul* (valaquião); *om/hom* (provençal); *on* (francês) que antes era *homme*. Dentre esses, o que ainda permanece com valor indeterminado é o *on* francês.

---

<sup>1</sup> Porém nem todos os autores concordam com tal princípio de unidirecionalidade.

De acordo com o Aurélio (1975), a palavra *homem* veio do latim *homine* e designa:

Qualquer indivíduo pertencente à espécie animal que apresenta maior grau de complexidade na escala evolutiva; e ser humano, com sua dualidade de corpo e de espírito, e as virtudes e fraquezas decorrentes desse estado; *homem* dotado das chamadas qualidades viris, como coragem, força, vigor sexual etc.; um *homem* (qualquer) pron. ant. alguém “cad’um terá sua escusa; / dei-vos já muitas por mim, / e estas cousas são enfim / como delas *homem* usa” (Francisco de Sá de Miranda, Obras Completas, II: 65-66), “Na verdade, jamais *homem* há visto cousa na terra semelhante a isto” (Machado de Assis, Poesias Completas, 302). (Ferreira, 1975: 730-731).

O substantivo *homem* foi pronominalizado no português arcaico, assumindo a função de pronome indefinido. Com essas funções – de substantivo e de pronome indefinido – o elemento foi empregado entre os séculos XIII e XVI com diversas variantes gráficas (*homem, homen, home, homẽ, omem, omen, omẽ*). Por volta do século XVI, passa a desempenhar a sua função primária: a de substantivo.

Segundo Said Ali (1964: 66), os pronomes indefinidos caracterizam-se por fazerem parte de *uma série de pronomes aplicáveis à terceira pessoa do discurso quando esta tem sentido vago e indeterminado*. Dessa forma, o emprego arcaico de *homem* está ligado à perda da referência do nome que, ao ser utilizado como pronome, pode admitir uma leitura impessoal, ou seja, referência zero.

Para Mattos e Silva, o sintagma nominal *homem* pode ser caracterizado como expressão de indeterminação do sujeito e, em certos contextos, ser substituído pelo pronome indefinido *alguém*

E, como quer que se esto entenda do fogo do purgatorio, em que se purgan os pecados meores, pero pode-se entender do fogo da tribulaçon que *homen* em este mundo sofre per que se podem purgar estes pecados pequenos que *homen* chama veniais. Ca se pela tribulaçon que *homen* em este mundo se non purgou, purgou-se depois pelo fogo do purgatorio. E esto he verdade se *homen* mereceu ante, dementre no mundo vivia, per boas obras que fez que se purgassen os seus pecados veniaes pelo fogo do purgatório e no outro mundo. (1989: 231)

Ainda de acordo com a autora, *homem* pode se enquadrar a um pronome sujeito, visto que o seu referente é indeterminado, isto é, ele *pode referir-se a um sintagma masculino ou feminino, singular ou plural sem as marcas correspondentes*. (1989: 232).

O uso de *homem* como sujeito indeterminado ou como pronome indefinido é uma característica somente do português arcaico, pois a pronominalização definitiva ou a

gramaticalização do sintagma nominal não se efetivou, sendo considerado, portanto, apenas um fenômeno de variação.

Para Said Ali (1971), *homem* surgiu de um substantivo: é um nome que assume caráter pronominal quando usado, não já na acepção própria, mas para indicar *agente vago e indeterminado* (Said Ali, 1971: 116). Para o autor, era comum o uso de *homem* no português arcaico, normalmente na linguagem popular, enfraquecendo seu uso no século XV e deixando alguns sinais no século XVI

Em aquel tempo nom podia *homem* achar em todo o regno de logres donzel tam fremoso nem tam bem feito. (Magne *apud* Said Ali, 1971: 116)

Comem trigo e nós dávea. Eles bebem, *homem* sua, doe-lhes pouco a dor alheia. (Sá de Miranda *apud* Ali, 1971: 116)

Eu perdi a mor ventura que *homem* nunca perdeo. (Gil Vicente *apud* Said Ali, 1971: 116)

Segundo Lopes (2003), é importante lembrar que, durante um período considerável de mais ou menos 400 anos, as duas estruturas (*homem* como pronome indefinido e substantivo) coexistiram no português, embora a estrutura pronominal, aparentemente mais nova, não tenha se mantido, a não ser por um ou outro escritor moderno que ainda faz uso de tal sintagma, principalmente na literatura:

Segredos que *homem* não conhece. (Camões *apud* Silveira, 1972: 182)

Na verdade, jamais *homem* há cousa na terra semelhante a isto visto. (Machado de Assis *apud* Silveira, 1972: 182).

Em decorrência do emprego do sintagma, houve algumas divergências, dentre elas a ambigüidade interpretativa que só foi sanada pelo contexto:

1) Ma quando ujo que o *home* boo dormya, pensou, como o spertarya. (A História dos Cavalleiros da Mesa Redondae da Demanda do Santo Graal *apud* Lopes, 2003: 07).

2) A terceyra era a uoz de que todo *homem* que a ouuja, perdia o sem e a força dos braços e do corpo de de todos los membros. (A História dos Cavalleiros da Mesa Redonda e da Demanda do Santo Graal *apud* Lopes, 2003: 07).

---

3) Onde diz Salamon: Vãã he todo *homen en* que non he a sciencia de Deus. (OE).

4) que oraçõ deue primeiro seer fecta que toda outra cousa que *homen* quer fazer. (OE).

5) Des i, temendo que *homem* nom está bem confessado e rreprendido, assi deve *homem* de rrecobrar e comp(ri)r o que fez menos do que comp(ri)a; des i, por obedecer e aver mais mérito. (OE).

Em (1), o exemplo é referencial, pois a presença do artigo definido *o*, juntamente com o adjetivo *bom*, caracteriza um indivíduo específico identificável. Os exemplos (2) e (3), por seu turno, são considerados genéricos, pois os referentes não designam necessariamente um indivíduo identificável. Não há uma identificação de existência de um homem identificável, como ocorre em (1) e nem conhecido do falante. O termo *homem*, inserido em (2) e (3), pode designar qualquer homem, generalização marcada, mais uma vez, pelo pronome indefinido *todo* que antecede o vocábulo. Os exemplos (4) e (5), por sua vez, possuem maior grau de indeterminação de *homem*, o qual pode ser substituído e/ou parafraseado por *alguém/ninguém*.

Abaixo temos, separadamente, um exemplo de cada situação em que o vocábulo pode estar empregado:

**Substantivo:** Ca eu cujdo que nunca este *home* foy rey senam de dormir.

**Pronome indefinido:** *homen* – alguém: ... porque ão pode *home* partir-se de sy mesmo, ca, em qualquer razão que seja senhor da sua culpa ou peccado, a conciencia nunca se dele parte.

**Interpretação ambígua:** pois *homem* pode ser interpretado como pronome indefinido (equivalendo a *alguém*) ou pode ter seu próprio sentido referencial:

Que certo é que *homem*, que está em perigo, de totalas cousas há receo.

Silva Dias (1933), a esse respeito, esclarece que a anteposição do artigo indefinido, formando expressões como *um homem*, *uma pessoa*, pertence à linguagem corrente. Talvez seja um indício de que o nome *homem*, quando precedido de um determinante, deixa de ser indefinido.

---

Uma outra possibilidade de análise seria considerar o nome *homem*, sem determinante antecedente, como um substituto do pronome *se*, índice de indeterminação do sujeito.

Tais possibilidades de análise serão aplicadas aos contextos abaixo, a fim de verificarmos se isso pode ou não ocorrer.

#### 4. Análise dos *corpora*

A partir do resgate bibliográfico e dos vários exemplos citados no decorrer do artigo, partiremos para um levantamento quantitativo de *homem* como pronome indefinido nos textos *Orto do Esposo* (doravante *OE*) e *Demanda da Santo Graal* (doravante *DSG*), ambos do século VX:

- Em este edificio da sancta jgreia florece o poderyo da dignidade de Jhesu Christo asy como en orto deleytoso, emno qual corren os ryos do recigio perdurauil dos sanctos sacramentos que ssaem de Jhesu Christo, que he lugar das graças, e do seu coração saaem os ryos e as fontes que dam saude a **todollos homẽs** fiees, assy como sse pode mostrar per este exemplo que se ssegue. (OE) (*generalização marcada pelo pronome indefinido todo*)
- **Todo homen** que quer leer pellas Sanctas Scripturas, non confii da agudeza do seu engenho nen da sua soteleza nen do grande trabalho do seu studo mas confii da bondade de Deus e da piedade da oraçon e da humildade de dentro do coração. (OE) (*generalização marcada pelo pronome indefinido todo*)
- Ca a ordenaçom direyta he que [per] uirtudes passe **qualquer homem** aas honrras e aas dignidades. (OE) (*o referente não designa necessariamente um indivíduo identificável*)
- E el-rei, que havia gram pesar ende que nom há **homem** no mundo que o esmar podesse, quando os viu assi estar houve tam gram coita que nom houve poder de os salvar e houve-lhe de falecer o coração com gram pesar. (DSG) (= *alguém = indefinido sem antecedente*)
- Sabede que todos estes aqui eram tam bõs cavaleiros que nom podia **homem** achar milhores no regno de Logres, fora se fossem do linhagem de rei Bam. Estes V queriam mal a este linhagem com enveja porque nom faziam a eles tanta honra como aos outros. (DSG)  
(= *indefinido = se = índice de indeterminação do sujeito: que nom podia se achar milhores no regno*)

- E aveo que ãũ pagano, o mais desleal cavaleiro que nunca *homem* na Gram Bretanha e mais endiabrada cousa do mundo, foi aqui soterrado. (DSG) (= *alguém* = *indefinido sem antecedente*)
- E pois matarom todos aqueles, foram aa vila e poseram-lhi fogo de todas partes, assi que em pouca dura foi toda queimada e os que escapavam do fogo matavam-nos todos, assi que tá hora de vésperas nom ficou *homem* vivo. (DSG) (= *ninguém* = *indefinido sem antecedente*)
- – Galaaz? disse el. E eu hei nome Lançalot. Bêito seja Deus que nos ajuntou, ca nunca rem no mundo tanto desejei como veer vossa companhia. Entom tenderom os braços e abraçaram-se e fizeram a maior ledice que nunca *homem* viu. (DSG) (= *alguém* = *indefinido sem antecedente* ou = *se; que nunca se viu*)
- E pois pensou gram peça em esto, ergueu-se em seu leito e chamou seu reposteiro e vistiu-se e pidiu-lhi sas armas e nom quis que *homem* soubesse o que el cuidara, fora II cavaleiros que eram seus primos con irmãos (= *alguém* = *indefinido sem antecedente*)

Os exemplos acima podem ser considerados como pronome indefinido, tanto pela perda de referencialidade quanto pela indeterminação do sujeito, podendo ser substituídos por *alguém* ou ainda podem designar coletivo de pessoas. Além disso, o uso indeterminado do sintagma é mais evidente na *DSG* do que no *OE*, embora ambos sejam da mesma época. Observamos também que na *DSG* as ocorrências de *homem* como substantivo e pronome indefinido oscilam.

### Considerações finais

O uso pronominalizado de *homem* coexistiu somente no português arcaico, hoje ele retomou sua função primária, a de substantivo, porém foi relativamente válido para o período, assim como para constatar que a língua está em constante mudança e com ela tanto podem surgir novos termos como podem ser retomados à sua função.

O processo de gramaticalização, por sua vez, é um meio que foca as mudanças lingüísticas e que tornam os elementos válidos, principalmente quando se trata do uso pelos falantes da língua. Além disso, a inserção de vocábulos novos enriquece o léxico, promovendo também fatores de cunho cognitivo, sociocultural e comunicativo que interferem na mudança do elemento lingüístico.

Estudar o uso pronominalizado de *homem* no português arcaico serviu para rever o quão a língua é preciosa e verificar que um termo pode ser usado de mais de uma maneira, atentando-se ao seu emprego dentro de um contexto.

## Referências

- BUENO, F. S. *A Formação Histórica da Língua Portuguesa*. 3 ed., Edição. São Paulo: Saraiva, 1967.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.
- CÂMARA, J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 38 ed., Rio de Janeiro: Vozes, 2006.
- \_\_\_\_\_. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. 4 ed., Edição. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.
- CINTRA, L. F. L. *Sobre “Formas de Tratamento” na língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte / Coleção Horizonte 18.
- CUNHA, M. A. F.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- (Imprensa Portuguesa), 1970.
- ILARI, R.; BASSO, R. *O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2006.
- LOPES, C. R. S. *Nós e a gente no português falado culto do Brasil*. *Delta*, v. 14, n. 2, 1988.
- \_\_\_\_\_. A indeterminação no português arcaico e a pronominalização de nominais: mudança encaixada? – In: ANAIS DO V ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS MEDIEVAIS DA ABREM, 2003, Salvador.
- \_\_\_\_\_. De gente para a agente: o século XIX como fase de transição. In: ALKIMIM, T. M. (org.). *Para a História do Português Brasileiro – Novos Estudos*. São Paulo, Humanitas / FLP/USP, 2002: 25-46.
- NETO, S. S. *História da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1970.
- \_\_\_\_\_. *Introdução ao Estudo da Filologia*. 2 ed., Rio de Janeiro: Grafo, 1976.
- NEVES, M. H. M. A discussão de um tema como ilustração: a gramaticalização como um processo de estruturação da mudança lingüística. In: NEVES, M. H. M. *Que gramática estudar na escola? Norma e uso na Língua Portuguesa*. S. Paulo: Contexto, 2003.
- SAID ALI, M. *A gente*. mimeo, s/d.
- \_\_\_\_\_. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Edições Melhoramentos, 1971.
- SILVA DIAS, A. E. *Syntaxe Histórica Portuguesa*. Porto: Livraria Clássica Editora.
- SILVA, R. V. M. *Estruturas Trecentistas: elementos para uma gramática do Português Arcaico*. Portugal: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1989.
- SILVEIRA, S. *Lições de Português*. 3 ed., Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1972.
- VASCONCELLOS, J. L. *Lições de filologia portuguesa*. 3ª. ed., Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1959.
- VILELA, M; KOCH, I. V. *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Livraria Almeida, 2001.